
RITORNELO E TIKTOK: PROBLEMATIZAÇÕES PEDAGÓGICAS DA MÍDIA

RITORNELO AND TIKTOK:
MEDIA PEDAGOGICAL ISSUES

RITORNELO Y TIKTOK:
PROBLEMAS PEDAGÓGICOS DE LOS MEDIOS

*Samilo Takara*¹

RESUMO

Este texto problematiza o *TikTok*, uma rede produzida por meio do uso de artefatos midiáticos como os *smartphones*, com base no conceito de ritornelo, tal como empregam Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012), no texto “Acerca do Ritornelo”. Diante da compreensão da sonoridade como um dos efeitos que territorializam espaços na vida e em diálogo com a contribuição das pedagogias culturais investigadas por autorias dos Estudos Culturais, este texto tem por objetivo problematizar as possibilidades pedagógicas do *TikTok*. Este é um estudo qualitativo, exploratório e bibliográfico e investe analíticas na proposta de problematizar os efeitos pedagógicos da mídia contemporânea na educação das subjetividades. Desse modo, compreende-se que os áudios acionados em diferentes tipos de produções nessa rede, como a dublagem, o dueto e a costura, possibilitam a criação de ritornelos que localizam aspectos pedagógicos acerca dos modos de ser, estar e agir na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Mídias. Estudos Culturais. Contemporaneidade. *TikTok*.

ABSTRACT

This text problematizes TikTok, a network produced through the use of media artifacts such as smartphones and the possibility of thinking about the use of the concept of retort, as used by Gilles Deleuze and Félix Guattari (2012), in the text About Ritornelo. Given the understanding of sound as one of the effects that territorialize spaces in life and, in dialogue with the contribution of cultural pedagogies investigated by authors of Cultural Studies, this text aims to discuss the pedagogical possibilities of TikTok. This is a qualitative, exploratory and bibliographic study and invests analytically in the proposal to problematize the pedagogical effects of contemporary media in the education of subjectivities. Thus, it is understood that the audios activated in different types of productions in this network, such as dubbing, duet and sewing, enable the creation of refrains that locate pedagogical aspects about the ways of being, being and acting in contemporaneity.

KEYWORDS: Education. Media. Cultural Studies. Contemporaneity. *TikTok*.

¹ Pós-doutor em Comunicação - Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, PR - Brasil. Doutor em Educação - Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, PR - Brasil. Professor - Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Rolim de Moura, RO - Brasil. E-mail: samilo@unir.br

Submetido em: 01/11/2021 - **Aceito em:** 28/11/2022 - **Publicado em:** 08/04/2024

RESUMEN

Este texto problematiza TikTok, una red producida a través del uso de artefactos mediáticos como los teléfonos inteligentes y la posibilidad de pensar en el uso del concepto de réplica, como lo utilizan Gilles Deleuze y Félix Guattari (2012), en el texto *Acerca de Ritornelo*. Dada la comprensión del sonido como uno de los efectos que territorializan los espacios en la vida y, en diálogo con el aporte de las pedagogías culturales investigadas por los autores de Estudios Culturales, este texto tiene como objetivo discutir las posibilidades pedagógicas de TikTok. Se trata de un estudio cualitativo, exploratorio y bibliográfico e invierte analíticamente en la propuesta de problematizar los efectos pedagógicos de los medios contemporáneos en la educación de las subjetividades. Así, se entiende que los audios activados en diferentes tipos de producciones en esta red, como el doblaje, el dúo y la costura, posibilitan la creación de estribillos que ubican aspectos pedagógicos sobre las formas de ser, ser y actuar en la contemporaneidad.

PALAVRAS-CLAVE: Educación. Medios de comunicación. Estudios culturales. Tiempo contemporáneo. *TikTok*.

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo problematizar as possibilidades pedagógicas do *TikTok*, embasando-se no conceito de ritornelo e as provocações apresentadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2012). Questiona-se, assim, o efeito territorializante que educa corpos e subjetividades por meio dessa rede social, impelido pela questão: seria um efeito de ritornelo a construção de virais que se (re)produzem no *TikTok* e educam modos de ser e de agir na rede social?

O questionamento oferece uma perspectiva que problematiza a dimensão educativa dessa rede social. Para tal, apresenta-se a discussão sobre os aspectos pedagógicos da mídia; discute-se a relação entre território, ritornelo e educação; e, por fim, problematiza-se as possibilidades de análises dos efeitos pedagógicos da (re)produção de conteúdo nesta rede social.

Nesta trajetória de produção do texto, o conceito de ritornelo é compreendido pelas provocações apresentadas por Deleuze e Guattari (2012, p. 123), que o caracterizam com três aspectos simultâneos ou misturados, como explicam os autores: a tentativa de fixarmos um ponto frágil no centro de um buraco negro; a tentativa de estabilidade como uma “pose” de estabilidade e, ainda, “uma escapada nessa pose, para fora do buraco negro”.

O ritornelo é o ritmo e a melodia territorializados, porque devindo expressivos – e devindo expressivos porque territorializantes. Não estamos girando em círculo. Queremos dizer que há um automovimento das qualidades expressivas. A expressividade não se reduz aos efeitos imediatos de um impulso, que desencadeia uma ação num meio: tais efeitos são impressões ou emoções subjetivas mais do que expressões (como a cor momentânea que toma um peixe de água doce sob tal impulso). As qualidades expressivas, ao contrário, como as cores dos peixes de recifes de coral, são auto-objetivas, isto é, encontram uma objetividade no território que traçam (Deleuze; Guattari, 2012, p. 131).

Ainda que de difícil apropriação, a definição conceitual de ritornelo parece oferecer condições para compreender o efeito de algo que territorializa, que oferece uma condição de fixação – ainda que provisória – de uma possibilidade de existência. Ainda que não de forma resoluto, pronta ou acessível, entende-se o ritornelo como aquilo que permite compreender o movimento de territorialização por meio de significados – teias, redes, relações que constituem um tracejado territorial.

Em outro momento, Takara e Teruya (2013) tratam da dimensão territorial das mídias e provocam a compreensão de que um território midiático seria aquele espaço da produção e do consumo de conteúdo e artefatos que é tensionado por uma dimensão de poder. Ainda que não seja da ordem do ritornelo, as leituras feitas pelo autor e pela autora tinham por horizonte reconhecer os aspectos de formulação de espaços que são estruturados por sentidos e significados, bem como atravessados por uma dimensão específica de produção e disseminação de informações. O *TikTok* é de outra ordem, ainda que pensar sua territorialidade seja relevante neste contexto.

Trabalhos recentes discutem as relações dos usos das redes sociais como recursos pedagógicos e problematizam usos do *TikTok*, por professoras/es, como uma proposta educativa (Barin; Ellensohn; Silva, 2020; Monteiro, 2020; Silva Júnior; Farbiarz, 2020). Entretanto, este texto segue por outra direção: problematiza-se os efeitos pedagógicos dos vídeos disponibilizados na rede social que não são criados com uma intencionalidade educativa.

A dinâmica de (re)produção do *TikTok* tem gerado possibilidades de construção de sentidos e significados por usuárias/os que produzem diferentes conteúdos. Tais conteúdos são constituídos por vídeos originais e/ou que dialogam com outros vídeos – este processo, nesta rede, é chamado de costura – e (re)produções de vídeos que podem utilizar a mesma formatação visual e/ou o mesmo áudio – que correspondem às dublagens e/ou os desafios que viralizam.

É relevante problematizar a noção de viral que está disponível na produção de conteúdo para o *TikTok*. O viral é um conteúdo que é (re)produzido por diferentes produtoras/es de conteúdo sobre uma mesma temática, utilizando recursos similares para o desenvolvimento de vídeos, sons e imagens que movimentam a produção e o consumo desses materiais nas redes.

Desse modo, cabe o diálogo com Han (2017, p. 7-8) em sua reflexão acerca do século XXI como um tempo em que não estamos mais falando de questões bacteriológicas ou virais, mas acerca de doenças, “[...] como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de Personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) [que] determinam a paisagem patológica do começo do século XXI”.

Ainda que seja adequado compreender o momento que Han (2017, p. 7) trata dessa questão, é importante destacar que as doenças “neurais”, como o autor denomina, continuam presentes na atualidade. Entretanto, com a pandemia do COVID-19, há o reconhecimento do vírus como uma possibilidade de existência, manifestação e interferência na vida humana, de tal modo que não se sabe explicitar como ou de que maneira poderá atravessar a possibilidade de viver e as condições de vida nestes tempos.

Em outra direção, salienta-se, ainda, que os vírus ensinam. Tal como explica Boaventura Sousa Santos (2020), também existem movimentos e aprendizagens com a dinâmica de uma existência que dificilmente é localizada, como é o caso do vírus. Dessa forma, ao tratar aqueles conteúdos como virais, reconhece-se que são conteúdos, informações, expressões que proliferam de forma desordenada, contaminam e produzem sentidos em diversas possibilidades.

Assim, ainda que Han (2017) tenha visibilizado as questões da saúde psíquica e deixado o vírus no século XX, ainda que tenhamos uma cruel pedagogia nas condições pandêmicas, como salienta Santos (2020), não se pode perder de vista que virais educam também em seus processos de proliferação, pelo contato/contágio das informações nas dinâmicas contemporâneas. Diante disso, o *TikTok* é um dos seus *loci* que pode ser pensado e problematizado em suas dinâmicas pedagógicas.

Esta discussão respalda-se teoricamente nos campos dos Estudos Culturais, com uma dimensão teórico-política de forma inter(anti)disciplinar. Conforme explica Johnson (2006, p. 20), são constituídos por “seus objetos de estudo” que estão vinculados à produção cultural contemporânea, mas que se inscrevem como tendência teórica que problematiza as dinâmicas de poder no contexto das relações de poder.

Por se tratar de uma perspectiva que inscreve a problematização do efeito ritornelo na produção do *TikTok*, este texto é metodologicamente organizado para ser qualitativo, exploratório e faz o uso do método bibliográfico. Essas escolhas metodológicas seguem uma diretriz que pretende orientar quem lê o texto a compreender que se trata de uma análise de características presentes nessa rede de produção e consumo de conteúdos midiáticos, sem

se deter, no entanto, na análise de um objeto, mas sim na problematização da categoria conceitual e dos modos de problematizar a relação com esses efeitos no contemporâneo.

O efeito viral das redes sociais e as potencialidades pedagógicas desses artefatos midiáticos localizam subjetividades e produções outras de sentidos e significados que educam acerca dos traços das condições contemporâneas. Assim, compreender o efeito de retorno no *TikTok* parece contribuir para a interpretação de um contexto de outras estéticas e diferenças políticas que são mobilizadas, e que constitui um território pedagógico provisório acerca dos modos como as mídias educam.

Diante desse contexto, as estratégias escolhidas para o diálogo sobre essa construção informacional – que é também afetiva, cultural, política, ética e estética – são a de articular a discussão das mídias como territórios educativos, discutindo os aspectos pedagógicos presentes na rede do *TikTok* e problematizar o efeito pedagógico da dinâmica viral das produções audiovisuais contemporâneas.

2 PRODUZIR E CONSUMIR: LÓGICAS MIDIÁTICAS

O objeto de estudo neste texto é o *TikTok*. Barin, Ellensohn e Silva (2020, p. 631) explicam que “[...] é uma rede social de vídeos disponível tanto para sistemas operacionais Android como para iOS e permite ao usuário – *tiktoker* – a produção de vídeos curtos de 14 a 60 segundos e sua publicação em um *Feed*”. Monteiro (2020, p. 11), por sua vez, informa que o aplicativo “[...] foi criado em 2016 pela *startup* chinesa *ByteDance*. O aplicativo cresceu após a aquisição do *Music.ly*, uma ferramenta com as mesmas funcionalidades”.

O sucesso dessa rede é registrado pelo número de usuários/as ativos/as, cujo registro chega a “[...] 800 milhões de usuários ativos” (Monteiro, 2020, p. 11), sendo um dos aplicativos “mais baixados”, “superando o *Facebook* e o *Instagram* e encontra-se entre as mídias mais acessadas no mundo” (Barin; Ellensohn; Silva, 2020, p. 631). Segundo Monteiro (2020), o acesso a essa rede social se dá em 150 países e é produzida em 75 línguas. O autor traz dados de que a rede está ativa no Brasil desde 2019 e as características de seus/suas usuários/as ajudam a construir um perfil de quem são as pessoas envolvidas na produção e no consumo dos conteúdos: “[...] cerca de 66% de seus usuários têm menos de 30 anos, uma geração de jovens conectados com idade majoritariamente entre 15 e 25 anos, que costumam gravar esquetes de humor ou dublagens de músicas, filmes, séries e demais vídeos da *internet*” (Monteiro, 2020, p. 12). Identificando os/as usuários/as como *tiktokers*, o autor discorre sobre o funcionamento da mídia:

A ferramenta é organizada com conteúdo em formato multimídia e seus usuários, os *tiktokers*, podem criar, postar e compartilhar vídeos de até 60 segundos. “O TikTok é o principal destino para vídeos móveis de formato curto. Nossa missão é inspirar criatividade e trazer alegria” (TIKTOK, 2020). Isso porque a criatividade inteligente é um dos principais lemas do aplicativo, que prioriza conteúdos criativos e sem complexidade (Monteiro, 2020, p. 11-12).

Em outros momentos, Kellner (2001) e Silverstone (2005) problematizaram as relações com as mídias, suas culturas, seus processos de significação e a organização de modos de se relacionar. Outras autoras e autores mostraram as potencialidades, as complexidades e os atravessamentos da dinâmica comunicacional em contextos anteriores ao uso do *TikTok*. Assim, é também tarefa dessa discussão reconhecer que as problematizações empreendidas por pesquisadoras e pesquisadores acerca dos efeitos e das produções midiáticas em contextos diferentes oferecem oportunidades para entender a comunicação contemporânea, ainda que não tenham analisado especificamente essa rede social.

Existe um efeito comunicacional na cultura da mídia, tal como explica Kellner (2001, p. 307), em que a disposição de “[...] imagens e figuras com as quais seu público possa identificar-se, imitando-as” é uma das dinâmicas analisadas pelo autor. A presença das mídias na dinâmica das relações é preponderante no contexto contemporâneo, porque

[p]assamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência e, também, de quando em quando, para as intensidades da experiência. (Silverstone, 2005, p. 12).

Desse modo, a construção de formas de agir e de ser está perpassada pelos contextos midiáticos porque essas tecnologias de informação e comunicação produzem “[...] efeitos socializantes e culturais por meio de seus modelos de papéis, sexo e por meio de várias ‘posições de sujeito’ que valorizam certas formas de comportamento e modo de ser enquanto desvalorizam [...] outros tipos” (Kellner, 2001, p. 307).

Com isso, a construção de interpretações, sentidos, experiências, possibilidades de interação e de representação também perpassam o contexto midiático por meio de diferentes interações com produtos comunicacionais. As redes sociais criaram dinâmicas outras a partir da popularização de artefatos midiáticos que permitem o consumo, mas também a produção de textos, áudios, imagens e vídeos que podem ser disponibilizados na internet.

A constituição das redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significados pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para toso os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. Existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia. Embora cada mente humana individual construa seu próprio significado interpretando em seus próprios termos as informações comunicadas, esse processamento mental é condicionado pelo ambiente da comunicação. Assim, a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção das relações de poder (Castells, 2013, p. 11).

Ao analisar movimentos sociais que se articulam nas redes e constituem ações políticas em diferentes contextos, Castells (2013) oportuniza o entendimento de como essas possibilidades de interação, que são produzidas nas redes e por meio desses artefatos, geram outras maneiras de produzir a comunicação contemporânea. Educativo, este fenômeno também se inscreve nos espaços de produção de conteúdo, como o *TikTok*.

É relevante retomar a analítica empreendida por Johnson (2006, p. 56) ao pensar nas condições de produção cultural. Para analisar os modos como as produções midiáticas também se inserem neste contexto, ainda que seja relevante a análise de produção na perspectiva de problematizar as dinâmicas capitalistas, existem também “efeitos indiretos das relações sociais capitalistas e de outras relações sociais sobre as regras da linguagem e do discurso existentes”.

Desse modo, conforme Johnson (2006, p. 72), torna-se possível perceber os alinhamentos que são necessários para compreender uma perspectiva dos estudos culturais que reconhece as constituições da produção cultural como construcionista, ou seja, “nada na cultura é tomado como dado, tudo é produzido”. Diante dessa compreensão, pode-se problematizar os efeitos pedagógicos dos artefatos midiáticos, tendo por horizonte a compreensão de que “não estamos no controle de nossas próprias subjetividades”. Isso afeta a tal ponto que “precisamos tão desesperadamente identificar suas formas e descrever suas histórias e possibilidades futuras”.

Diferentes redes sociais interferem na constituição das subjetividades e nos modos como se age e se é no mundo. Identidades e representações são postas em movimentos complexos, plurais e geram contextos que podem contribuir para aprendizagens sobre o mundo, sobre os outros e sobre si mesmo. É relevante que estas pedagogias midiáticas sejam

analisadas e problematizadas para que se analise as possibilidades e os limites desses aprendizados.

Teruya (2006) discorre sobre a necessidade de se problematizar e desenvolver uma análise dos conteúdos que são ofertados pelas mídias para pensar as condições educativas desses artefatos culturais. Em direção próxima, Silverstone (2005) explicita a necessidade de estudar as mídias, pensar sobre suas informações e como constituir relações e entendimentos por meio das interações com esses aparatos tecnológicos. Em suas palavras:

A mídia nos oferece estruturas para o dia, pontos de referência, pontos de parada, pontos para o olhar de relance e para a contemplação, pontos de engajamento e oportunidade de desengajamento. Os infinitos fluxos da representação da mídia são interrompidos por nossa participação neles. Fragmentados pela atenção e pela desatenção. Nossa entrada no espaço midiático é, ao mesmo tempo, uma transição do cotidiano para o liminar e uma apropriação do liminar pelo cotidiano. A mídia é do cotidiano e ao mesmo tempo uma alternativa a ele (Silverstone, 2005, p. 24-25).

Essas produções e as interações também são constituídas nos modos como os artefatos permitem a produção de conteúdos na contemporaneidade. Han (2018) provoca a discussão acerca dos efeitos que o digital tem na constituição de sentidos e significações, gerando interpretações da cultura e da sociabilidade. Desse modo, desenvolver análises do processo que se dá nas redes e dos modos como se produz e consome conteúdos contribui para compreender os efeitos da produção e do consumo na vida contemporânea.

O tecido digital favorece a comunicação simétrica. Hoje em dia os participantes da comunicação não consomem as informações de modo passivo sem mais, eles mesmos engendram de forma ativa. Nenhuma hierarquia inequívoca separa o emissor do receptor. Cada um é emissor e receptor, consumidor e produtor de vez. Mas essa simetria é prejudicial ao poder transcorre em uma direção apenas, a saber desde cima até abaixo. O refluxo comunicativo destrói a ordem do poder. A *shitstorm* é uma espécie de refluxo, com todos seus afetos destrutivos (HAN, 2018, p. 9).

A interação também produz efeitos complexos. Han (2018), ao tratar da *shitstorm*, mostra que a possibilidade de produção de conteúdos nocivos ou danosos também é um dos efeitos que estes usos têm na produção e no consumo desses artefatos midiáticos. Assim, a proposição de uma análise das atividades de comunicação, bem como a compreensão desses processos oportuniza discutir a complexidade desses estudos.

Diante disso, a partir da discussão sobre os processos de interação e as lógicas de consumo que a produção das comunicações contemporâneas gera, compreende-se que existe um efeito de manutenção e de organização – ainda que provisória – que constitui a interpretação da contemporaneidade. Nesse sentido, é necessário debater as possibilidades de pensar o ritornelo como efeito e as possibilidades pedagógicas das interações com as mídias.

3 RITORNELO E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS: PROVOCAÇÕES

Na discussão empreendida por Deleuze e Guattari (2012, p. 124), o ritornelo aparece como “um agenciamento territorial”. No desenvolvimento dos autores, os exemplos perpassam constituições sonoras, como o “canto de pássaros”, mas, nas explicações acionadas, são apresentados elementos de ordens diferentes. Em um determinado momento, os pensadores inscrevem a seguinte definição:

Num sentido geral, *chamamos de ritornelo todo conjunto de matérias de expressão que traça um território, e que se desenvolve em motivos territoriais, em paisagens territoriais* (há ritornelos motores, gestuais, ópticos, etc.). Num sentido restrito, falamos de ritornelo quando o agenciamento é sonoro ou “dominado” pelo som [...] (Deleuze; Guattari, 2012, p. 139, grifos dos autores).

Desse modo, compreendendo-se o conceito correspondendo a elementos de expressão que sinalizam um território, opta-se aqui por interpretar que o ritornelo seria composto por movimentos territorializantes e territorializados. Ações, interações e possibilidades que inscrevem uma forma de constituir território, ainda que provisoriamente. Para elucidar esta discussão, retoma-se as contribuições de Saquet, Candioto e Alves (2010) ao conceituar território.

O território significa, acima de tudo, movimento histórico e interações socialmente definidas, ou seja, corresponde a uma construção histórica que é, simultaneamente, relacional. Sua produção é social, porém, envolve e é envolvida, ao mesmo tempo, pelos processos naturais que estão no homem nos demais componentes naturais de nossa vida. O território contém, assim, elementos-características-processos sociais e naturais em interações historicamente definidas. A natureza muda, a sociedade muda, as relações mudam, mantendo aspectos da(s) natureza(s), sociedades e relações imediatamente anteriores, isto é, há continuidades e descontinuidades processuais e relacionais na formação dos territórios. (Saquet; Candioto; Alves, 2010, p. 55-56)

A compreensão da territorialidade, assim, é uma contribuição para pensar o ritornelo como efeito de significação que constitui e é resultado da territorialização. Nesse sentido, pensar em territórios midiáticos contribui para uma analítica dos efeitos de ritornelo nas redes e nos espaços de produção de conteúdo que constituem territórios outros.

No ciberespaço, surgem novos territórios imateriais assim como novas territorialidades. Antes da existência do ciberespaço, os territórios e as territorialidades encontravam-se limitadas às relações sociais (de poder) estabelecidas nas áreas físicas que ocupavam (territórios-zona). Com o advento de técnicas como o rádio, TV, telefone, e principalmente internet, ampliando-se os territórios-rede e as territorialidades decorrentes destes. Portanto, limitar o conceito de território a um recorte físico/areal não é algo suficiente que permita englobar os diversos territórios existentes, haja vista que os territórios são cada vez mais descontínuos, fluidos e imateriais (Saquet; Candioto; Alves, 2010, p. 60).

A compreensão das redes como espaços territoriais mobiliza agenciamentos de ritornelo que constituem as formas de territorializar os espaços midiáticos. Assim, diferentes artefatos, redes e usos podem gerar um modo de compreender os elementos culturais, sociais, políticos, econômicos, éticos e estéticos que atravessam e constituem os campos da significação nos territórios midiáticos.

Se o som é uma das qualidades evocadas por Deleuze e Guattari (2012) para pensar o ritornelo – tal como o canto de pássaros que constitui território –, é possível pensar que os áudios e os vídeos que viralizam para serem duetados ou costurados (flexões utilizadas na rede do *TikTok* para a ação de produzir um vídeo em diálogo ou interação com o vídeo de outra/o usuária/o) seriam, na lógica do áudio, como uma forma de ritornelo do *TikTok*?

Neste artigo, entende-se que existe algo que possibilita esta compreensão. Em outras redes como o *Facebook* e o *Instagram*, em que também existe a possibilidade de produção e disponibilização de vídeos, o movimento de (re)produzir em diálogo com os conteúdos de outros/as usuários/as não ocorre do mesmo modo. Ainda que fosse possível desenvolver uma estratégia de resposta e de interação com esse tipo de conteúdo nessas outras redes, o *TikTok* tem produzido especificidades com base na (re)produção de conteúdos com áudios.

Desse modo, compreender a territorialidade nessas ações em que o som localiza, organiza e estrutura aspectos da interação com os conteúdos de comunicação é uma forma de identificar efeitos educativos desses artefatos midiáticos no momento das interações, e, então, problematizá-los, considerando as pedagogias culturais que são mobilizadas nesses territórios que são, por sua vez, constituídos nos usos e nos consumos dessas mídias.

[...] o conceito de território entendido de maneira reticular permite levar em consideração os territórios descontínuos e fluidos, marcados por fixos e fluxos, envolvendo o material e o virtual. As redes permitem a conexão entre lugares/nós/pontos distantes e entre ações e intencionalidades provenientes de atores com atuação em diversas escalas espaciais. A transescalaridade do território é definida pelas relações sociais (econômicas, políticas e culturais) e pelas redes (sociais) de circulação e comunicação efetivadas pelos indivíduos e grupos sociais, portanto, envolvendo e sendo envolvidas por relações de poder. (Saquet; Candioto; Alves, 2010, p. 62)

Embasada por essa perspectiva, esta discussão, que se apresenta com o diálogo acerca dos usos do *TikTok*, permite problematizar seus efeitos como pedagógicos e culturalmente produtores de sentidos e significados, na medida em que mobiliza conteúdos pedagógicos que não são diretamente relacionados aos conteúdos escolares, mas que ensinam acerca de modos de ser, estar e agir no mundo. Esse entendimento é uma das problematizações que possibilita pensar a disseminação das pedagogias culturais nesses artefatos midiáticos.

Para Deleuze e Guattari (2012, p. 127), o território constitui-se em um ato, “produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos”. Assim, produzido por diferentes efeitos, ele se situa nas condições de produção que aparecem com o ritmo, uma dinâmica que formula o território. As especificidades do *TikTok* em seus usos de áudio mostram, por meio das possibilidades de dueto, costura e dublagem, outras oportunidades de produção de sentidos. Esses usos formulam um local provisório e se explanam a partir do jogo produção/reprodução de outras formas de se constituir e expressar nas redes.

Pensar os efeitos educativos nas discussões acerca das mídias é também reconhecer como os aspectos culturais são mobilizados, nos diferentes artefatos, fenômenos e interações, com os conhecimentos que são disseminados pelas mídias. Camozzato (2012) e Andrade (2016) permitem pensar a pluralidade das formas de educação e pedagogias, inscrevendo as pedagogias culturais no entendimento de que o pedagógico é o que conduz, mobiliza, orienta, indica e fornece modos de ser, estar e agir no mundo, significados nas relações culturais.

A pedagogia, nesse sentido, constrói fronteiras, as traça, produz, erige. As pedagogias que nos atravessam e perpassam, ordenam, demarcam, constroem localizações e modos supostamente cabíveis de vivenciar o mundo e seus processos. A pedagogia não está circunscrita por um espaço demarcado institucionalmente, como a escola, por exemplo, mas encontra-se em atuação, de forma produtiva, em todas as instâncias, espaços e artefatos em que se impõe uma operação para modificar os modos dos sujeitos estarem no mundo. Logo, a pedagogia almeja operar uma modificação, uma transformação dos sujeitos relacionados e trabalhados por ela (Camozzato, 2012, p. 21).

Entre os elementos culturais que são mobilizados, há os *smartphones* e as redes sociais. Estas são acessadas, disseminadas e consumidas por meio daqueles artefatos. Seus usos permitem compreender que diferentes produções geram efeitos pedagógicos nas interações que se pode desenvolver nesses territórios. Entre essas redes, o *TikTok* promove uma interação diferente com a produção audiovisual, implicando numa disseminação de sentidos e significados que geram uma relação diferente das outras produções midiáticas em rede.

Desse modo, é possível acompanhar a discussão empreendida por Andrade (2016, p. 73) ao analisar diferentes espaços que mobilizam formas de ser, agir e estar no mundo, compreendendo que existem efeitos educativos e que “[...] a pedagogia destes lugares provoca no sujeito movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes fabriquem aprendizagens tanto em relação a si mesmo, aos outros, e ao mundo”.

No uso do *TikTok* e nos ritornelos que ele mobiliza, temos ações como a dublagem, o dueto e a costura. Nesses três procedimentos de relação com o som (e com a imagem, como no caso do dueto), é possível analisar como são produzidos conteúdos de interação diferentes dos que eram possíveis nos recursos midiáticos anteriores.

É relevante discutir que os usos de materiais audiovisuais como os vídeos já eram possíveis em redes como o *YouTube* e o *Snapchat*. Além desses usos, essas plataformas possuem uma gramática e produções específicas. A diferença do *TikTok* para esses outros espaços é que os vídeos são utilizados na interação dos/as usuários/as com a construção dos conteúdos e o consumo desses materiais é também produzido na relação com esses vídeos.

Desse modo, os áudios mobilizados são úteis na construção de interações que fornecem outras compreensões sobre os usos e as produções. Diferentes perfis e produtoras/es de conteúdos geram materiais em que as estratégias de dublagem e dueto retomam os sons e localizam – territorializam – experiências, impressões e significados que são mobilizados na produção de determinadas perspectivas.

A costura, outra tipologia dessa rede, permite que a pessoa que esteja acompanhando certa discussão e/ou chegue a um material possa acessar os outros conteúdos que foram produzidos e que estão em diálogo com o conteúdo inicial. Além desse contato, a interação ganha outro contorno no *TikTok*. Diferentes tendências – chamadas pelas/os usuárias/os de *tred* – são mobilizadoras de vídeos que registram danças, fazem dublagens de áudios e produzem duetos que reforçam, mobilizam, ampliam e ressignificam os acessos aos conteúdos produzidos pelas/os produtoras/es de conteúdos nessa rede.

Interpreta-se o efeito ritornelo nas estratégias propostas pela rede para o dueto, a dublagem e a costura como a constituição de uma territorialidade. Na dimensão das produções dessas redes, existe uma condução de modos de agir e ser que ficam expressos nas lógicas interativas dessas propostas que a rede social oferece como práticas de interação. Desse modo, outras leituras são possíveis para pensar a produção de sentidos e identidades no *Tik Tok*.

Provocar o debate sobre a possibilidade de significação dessas sonoridades como ritornelo que territorializa a condição de produção de sentidos e significados é uma forma de problematizar o efeito educativo das relações com esses materiais audiovisuais que localizam, orientam e indicam, modos de ser e de agir, os quais são ensinados na interação com esses artefatos.

Assim, no trajeto da rede, a interação é conduzida para ritornelos, na medida em que o mesmo áudio dá origem a diferentes produções de conteúdo. Criadas com objetivos e propostas múltiplas, essas produções, ao mesmo tempo que indicam o diálogo com uma produção que pode ser realizada inicialmente na rede ou que veio de outro produto midiático, estabelecem a condição de ritornelo, porque territorializam a experiência que é produzida neste contexto.

Vídeos de costura e dueto geram um diálogo expresso entre produções e *tiktokers*, os quais vinculam propostas de interpretação, releituras, estratégias de significação e produções de sentido múltiplas, embora constituídas com uma marca sonora em comum. As dublagens também permitem a visibilidade da produção original, ao mesmo tempo que o som retoma outras publicações anteriores que expressam a interação.

Experiências múltiplas são possíveis em determinados momentos na rede. Em momentos de virais, quando há reinterpretções por diferentes produtoras e produtores de conteúdo, a pessoa que está acessando esses conteúdos passa por múltiplas interpretações de um mesmo som. Dessa forma, é possível observar que as conexões e as possibilidades criativas mostram uma condição pedagógica deste tempo em que as interações permitem utilizar os recursos da rede para criar em interação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das perspectivas contemporâneas, as pedagogias culturais, presentes nos artefatos midiáticos, auxiliam o desenvolvimento de diferentes interpretações acerca dos usos dos artefatos culturais para pensar a Educação. Assim, a questão que orienta essa discussão abre brechas para refletir sobre interpretações e efeitos possíveis: seria um efeito de ritornelo a construção de virais que se (re)produzem no *TikTok* e educam modos de ser e de agir na rede social?

Ao pensar nos usos dos áudios e nas produções que utilizam as estratégias de dueto, costura e dublagem, compreende-se que existe um efeito pedagógico que é constituído na estruturação de um território midiático e educativo. A dinâmica de criação e reprodução confunde-se na constituição de outras formas de significação e em diferentes práticas

subjetivas. Assim, o *TikTok*, em suas formulações, mobiliza ritornelos que constituem, ainda que provisoriamente, territórios e significados que usam da repetição como diferença e criação.

Entende-se, com isso, que há um efeito de territorialização que ocorre no acionamento de determinados sons que se repetem, ressoam, ressignificam e, ao mesmo tempo, abrem espaços para diferentes contribuições. E o que ensina a mídia nesse processo: a interatividade, os jogos de sentidos e as possibilidades de interpretar que a Educação contemporânea perpassa a produção, o consumo e a disseminação desses produtos.

Ainda são necessárias diferentes investigações que interpretem as pessoas fazendo a recepção desses materiais, seus potenciais pedagógicos, as possibilidades de pensar os nichos, os grupos e as proposições de outros elementos, como as *hashtags*, que permitam a localização, a categorização e a formulação de usos e produções dessa rede. O trabalho aqui empreendido mantém um caráter exploratório que busca trazer discussões que perpassam os usos e os sentidos que atravessam as dinâmicas do *TikTok*.

Desse modo, propor investigações que analisem os aspectos educativos das mídias também é um modo de compreender os atravessamentos pedagógicos que esses artefatos sugerem, oferecem, indicam e orientam e, assim, pensar as pedagogias culturais contemporâneas, seus efeitos e as possibilidades de análise e interpretação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias culturais** - uma cartografia das (re)invenções do conceito. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143723>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BARIN; Clauia Smaniotto; ELLENSOHN, Ricardo Machado; SILVA, Marcelo Freitas da. O uso do *TikTok* no contexto educacional. **Revista Novas Tecnologias na Educação**. UFRGS, v. 18. n. 2., p.630-639, 2020.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias** - formas, ênfases e transformações. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Acerca do ritornelo. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. p.121-179.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**. Notas sobre o digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.7-131

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. TikTok como novo suporte midiático para a aprendizagem criativa. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**. v.1, n. 2. UFES, UNEB, UNIVASF e UFBA, 2020. p.5-20.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, PT: Almedina, 2020.

SAQUET, Marcos Aurélio; CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; ALVES, Adilson Francelino. Construindo uma concepção reticular e histórica para estudos territoriais. In: PEREIRA, Sílvia Regina; COSTA, Benhur Pinós; SOUZA, Edson Belo Clemente de (org.). **Teorias e práticas territoriais: análises espaços-temporais**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.53-68

SILVA JÚNIOR, Jader Lúcio da; FARBIARZ, Alexandre. Meu professor é um *tiktoker*: uso de vídeos curtos como ferramenta educativa em mídias sociais. **ANAIS do 43º INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2020. p.1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2411-1.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

TAKARA, Samilo; TERUYA, Teresa Kazuko. Mídia e educação: problematizando noções de território midiático. n. 27. **Textura**. Canoas, RS, 2013. p.126-139

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática**: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá, PR: Eduem, 2006.

Revisão gramatical realizada por: Lílian Amorim Carvalho.

E-mail: lilianamorimcarvalho@gmail.com